
**MEMÓRIAS DA IRMANDADE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE EM
CACHOEIRA – BAHIA / BRASIL:
DOCUMENTAÇÃO DA CONFRARIA¹**

NOSSA SENHORA DA BOA MORTE FRATERNITY'S MEMORIES IN CACHOEIRA - BAHIA / BRAZIL:
THE FRATERNITY'S DOCUMENTATION

Zeny Duarte de Miranda

Professora Titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Letras, UFBA. Pós-Doutora em Ciência da Informação em Plataformas Digitais, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), Ministério da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior de Portugal. Pesquisadora e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Mestrado e Doutorado (PPGCI/UFBA). Coordenadora do G-Acervos – CNPq. Memorialista. Escritora. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0365-6905>. E-mail: zenydu@gmail.com

Patrícia Reis Moreira Sales

Doutoranda em Ciência da Informação (CI) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFBA). Mestre em CI pelo (PPGCI/UFBA). Graduada em Arquivologia pela UFBA e em Comunicação Social pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Arquivista na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1133-0625>. E-mail: patriciarsales@gmail.com

Eva Dayane Jesus dos Santos

Mestranda em Ciência da Informação (CI) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFBA). Especialista em Gestão Governamental pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pelo Instituto de Ciência da Informação (ICI/UFBA). Bibliotecária da UFBA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2011-2961>. E-mail: evabibliotecaria@gmail.com

Resumo

O destaque desta pesquisa encontra-se no levantamento de acervos documentais sobre a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, salvaguardados e disponibilizados ao público pelo Centro Cultural da Irmandade da Boa Morte, situado em um dos sobrados coloniais da cidade de Cachoeira – Bahia, e por outras instituições culturais, a exemplo da Fundação Pierre Verger, Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), possuidoras de rica concentração de dossiês sobre memórias da Irmandade, contadas através

da documentação acumulada e produzida, constituída de manuscritos, impressos, fotografias, audiovisuais, desenhos, pinturas e outros variados registros informacionais. Sobre o entorno arquitetônico, será revisitado o contexto espacial relativo ao imóvel, onde funciona o Centro Cultural Irmandade da Boa Morte, integrado ao conjunto patrimonial paisagístico da cidade de Cachoeira, legalizado pelo IPHAN / Ministério da Cultura, com passagens históricas de outras formas de moradas em sobrados coloniais da Bahia, especificamente, da cidade onde se estabelece a Irmandade da Boa Morte, Cachoeira. Apresenta

¹ Estudo apresentado no 5º Congresso Internacional Casa Nobre: Um patrimônio para o futuro (Dezembro de 2017), realizado em Portugal.

breve reflexão teórica-conceitual sobre arquivo e memória e o relacionamento do documento com memória.. Dessa forma, esta pesquisa monumentos arquitetônicos e urbanísticos e às manifestações culturais, em sua espacialidade.

Palavras-chave: Documentação da Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte. Centro Cultural da Irmandade da Boa Morte. Patrimônio Arquitetônico. Memória – Irmandade da Boa Morte. Cachoeira – Cidade. Cultura da Bahia.

Abstract

The highlight of this research is the collection of documentary collections about the Nossa Senhora da Boa Morte Fraternity, protected and made available to the public by the Boa Morte Fraternity Cultural Center, located in one of the Cachoeira - Bahia colonial houses and by other cultural institutions, such as the Pierre Verger Foundation, Artistic and Cultural Heritage Institute (IPAC), National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN), which have a rich concentration of dossiers about the Fraternity's memories, told through accumulated and produced documentation, composed of manuscripts, printings,

busca suscitar reflexões sobre patrimônio documental relativo aos arquivos, aos

photographs, audiovisual, drawings, paintings and other varied informational records. Regarding the architectural environment, the building's spatial context will be revisited, where it operates the Boa Morte Fraternity Cultural Center, integrated with the scenic heritage of the city of Cachoeira, legalized by IPHAN / Ministry of Culture, with historical passages of other forms of addresses in the colonial houses of Bahia, specifically in the city where Boa Morte Fraternity is established, Cachoeira. It presents a brief theoretical and conceptual reflection on archive and memory and the relationship of the document with memory. Thus, this research seeks to raise reflections on documentary heritage related to archives, architectural and urban monuments and cultural manifestations, in their spatiality.

Keywords: Nossa Senhora da Boa Morte Fraternity's Documentation. Boa Morte Fraternity Cultural Center. Architectural heritage. Boa Morte Fraternity's Memories. Cachoeira City. Culture - Bahia.

1 CIDADE DE CACHOEIRA DA BAHIA

Cachoeira é uma cidade histórica do Recôncavo da Bahia que remete ao Brasil Colonial e também se posiciona atuante em diversos episódios históricos e políticos, tendo sido uma das cidades da região responsável pela iniciação da luta pela Independência do Brasil. Sobre esta conjuntura, um dos mais importantes historiadores do Brasil, Luís Henrique Dias Tavares, em seu famoso livro História da Bahia (2008), detalhou com rigor a participação da Bahia na guerra pela Independência do Brasil, assim como também, destacou o importante papel da cidade de Cachoeira naquela altura.

Na Bahia desenvolveu-se uma situação de guerra, valendo todas as armas. Essa situação única sucedeu por causa da posse do general Madeira de Mello, pela força das armas, no comando da província da Bahia. A Bahia, assim como o Maranhão e o Pará, tinha aderido ao movimento constitucionalista em Portugal, a partir da revolução do Porto, de agosto de 1821. (TAVARES, 2008, p. 98).

Em entrevista concedida à Revista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) sobre a posição de Cachoeira e do Recôncavo da Bahia na Guerra pela Independência do Brasil, Moura e Tavares (2006, p. 15), esclareceu:

E aí começa a resistência.

Sim. Os municípios que formavam o Recôncavo, produtores diretos da riqueza da província, pois produziam açúcar, fumo e outras mercadorias para o comércio internacional, sem armas, declaram que não aceitam o general Madeira de Mello como governador das armas. E fecham o Recôncavo para as relações com a Cidade do Salvador. Isso afeta toda a província, porque é de Cachoeira, no Recôncavo, que se estabelecem as relações comerciais com todo o chamado sertão, pela subida do rio Paraguaçu até a Chapada Diamantina, estendendo-se daí às áreas que produziam gado e o enviavam para a Cidade do Salvador.

O que acontece de junho em diante, que muda a situação?

Primeiro acontece a proclamação do município de Cachoeira contra Madeira de Mello, contra todos os demais oficiais militares, contra a Armada Portuguesa, que ocupava a Baía de Todos os Santos. Essa é uma situação ainda mal compreendida, mas em 28 de junho de 1822 forma-se, em Cachoeira, um governo que nega o governo que está na Cidade do Salvador.

Com estas e outras leituras sobre episódios históricos com a participação de Cachoeira e de outras cidades do Recôncavo Baiano, nota-se a forte situação da cidade de Cachoeira no cenário regional, nacional e internacional. Na vasta documentação e bibliografia sobre Cachoeira, é possível aprofundar reflexões acerca de narrativas sobre a cidade.

Cachoeira - Cidade populosa e commerciante da província da Bahia, cabeça d'um collegio eleitoral, e da comarca de seu nome. Está situada sobre uma e outra margem do rio Paraguaçu, perto da serra Timbóra, a 18 legoas da cidade da Bahia. É esta cidade o deposito geral dos productos que as comarcas que lição ao oeste envião para receber em cambio fazendas, instrumentos, e outros objectos de que carecem. Corta-a em duas partes desiguaes o rio pelo qual sobe a maré obra de 1 legoa até acima do lugar onde um fundo pedregoso estorva a navegação; passa-se d'uma banda a outra por uma ponte de 160 metros de largo. A parte mais considerável da cidade é ornada d'uma fonte, cuja agua é excellente, e de duas pontes de pedra sobre os ribeiros Tallieiro, e Pitanga, d'uma casa municipal, com sua cadea, d'uma igreja erecta em freguezia em 1698, dedicada a N. S. do Rozario, e das de N. S. da Conceição, de São-Pedro e d'um convento de carmelitas descalços. A parte que fica sobre a margem direita é habitada pela gente menos rica, e appellidada São-Felix por causa d'uma igreja dedicada a este santo. Há além d'esta outra invocação do Menino-Deus. Uma lei da assemblea provincial conferio á villa da Cachoeira o título de cidade. Em 1839, pelos fins de dezembro, houve uma cheia extraordinária que deitou por terra grande parte das casas, subindo a mais de 20 pés de alto. Em 1804 constava o distincto da villa da Cachoeira de 1088 fogos, porém a povoação se augmentou a tal ponto que boje se contão 15000 habitantes, Belém, Muritiba, São-José e Genipapo pertencem a este districto. É para lamentar que seja esta cidade exposta ás cheias, e que se não tenham applicado os meios necessários para remediar os males que ellas costumão trazer. Os priiicipaes productos da exportação d'esta cidade são tabaco e café." (SAÍNT-ADOLPHE, 1845, p.186-187)

Outros estudos realizados por Tavares (1974) constroem relatos sobre a Vila de Nossa Senhora do Rosário do porto de Cachoeira, datada de 1693, oriunda do povoado que se criou à margem esquerda do rio Paraguaçu, em terras do engenho de Gaspar Rodrigues Adorno. Ganhou importância no século XVIII, por causa de sua posição como centro comercial e passagem obrigatória para os que procuravam ou habitavam o sertão. Castro (2005, p.114) relatou em seus estudos sobre Cachoeira:

Localizada numa região comumente chamada de Recôncavo – que significa fundo de baía, neste caso, a baía de todos os Santos –, foi denominada, inicialmente, de Vila de Cachoeira. Passou à Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira em 1674, uma vez que o número de seus moradores avançava. Em 1693, através da Carta Régia de 27 de dezembro, passou a ser chamada de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. A emancipação política só ocorreu através da Lei Provincial nº 43 de 13 de março de 1837, dada a sua relevância econômica e política à época.

O Recôncavo tornou-se um dos mais importantes polos de emancipação política, econômica e cultural da Bahia. Entretanto, sofreu descaracterização pelo avanço econômico e social de outras regiões, tornando-se não tão visitado e apreciado como nos séculos de sua reconhecida era de ouro. Está localizado num ponto estratégico da Bahia, logo sua dinâmica deve ser compreendida a partir de um prisma que comunga com dimensões fisiográfica, histórica, social, política e econômica. Trata-se de uma região da Bahia a serviço de núcleo regional, tendo papel importante no projeto de colonização do Brasil. O desenvolvimento urbano dessa região e o perfil social dos seus habitantes estiveram alicerçados nas bases da produção açucareira, fumageira e de subsistência.

É nessa região que se instala a Cidade de Cachoeira. Conforme dados de 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a história de Cachoeira iniciou-se em 1531, quando o fidalgo Paulo Dias Adorno fez parte da expedição de Martim Afonso de Souza que chegava à Bahia com o intento de estimular o cultivo da cana-de-açúcar e da indústria. Nos relatos de Barbosa (2010a),

A Vila de Cachoeira nasceu de um engenho que tal como em outros pontos do Recôncavo Baiano, as relações intrínsecas e extrínsecas estabelecidas por engenhos foram polos de atração de populações no exercer de outras atividades, principalmente, a produção agrícola de subsistência. Do engenho para a formação de uma rede urbana, era assim que se formavam os primeiros corpora populacionais coloniais ou, pelo menos, seguindo a extensão dos engenhos, nasceram e se desenvolveram as vilas no interior do território baiano.

Cachoeira foi uma cidade importante do século XVII ao XIX, servindo de entreposto comercial e ligando o interior do Recôncavo a Salvador. Santos (1959) acrescentou:

O porto de Cachoeira era fundamental para escoar a larga produção açucareira, enviá-la ao porto da Capital, o mais movimentado do Atlântico Sul no século XVIII, onde se localizavam as casas de exportação e, por conseguinte, onde eram realizadas as transações comerciais.

No texto de Barbosa (2010a), a autora expõe fatos e curiosidades da cidade que atrai anualmente milhares de turistas do mundo inteiro e, diz ainda:

Em 1775, a Vila da Cachoeira é uma das mais extensa da Bahia e ficará nessa posição até o século XIX. Nessa época, agrupava na forma de comando geopolítico sete importantes Freguesias da região: Feira de Santana, Muritiba, Conceição de Feira, São Gonçalo dos Campos, Oiteiro Redondo, Cruz das Almas e Castro Alves. Era também o segundo núcleo populacional da Bahia [...] (BARBOSA, 2010a, p. 17).

No século XIX, Cachoeira continuou obtendo destaque na Bahia e Brasil.

Chegou a ser sede do governo baiano por duas vezes: a primeira, durante as lutas pela independência da Bahia, sendo sede da Junta Governativa e depois, do Governo Provisório em 1822, fato que, posteriormente, lhe rendeu o título de 'Cidade Heroica'. A segunda, em 1837, durante a Sabinada (BARBOSA, 2010a, p. 19).

Até a primeira metade do século XIX, Cachoeira viveu a era de ouro. Apesar do longo período de ascensão da cidade de Cachoeira, atravessando três séculos, a mesma decaiu em decorrência de diversos eventos, como nos relatou Barbosa (2010, p. 20) “na segunda metade do século XIX, Cachoeira passa a viver o amargo da decadência da produção econômica motivada pelo fim do tráfico de escravos e pela abolição da escravidão”.

Embora Cachoeira estivesse passando por momentos de desalento foi também na segunda metade do século XIX que a cidade se modernizou em relação aos meios de transportes com construção da Estrada de Ferro da Central da Bahia, da Ponte Dom Pedro II e ainda com a construção da Hidrelétrica de Bananeiras, a atual Usina Hidrelétrica de Pedra do Cavalo.



Imagem aérea da cidade de Cachoeira e da Usina Hidrelétrica de Pedra do Cavalo.

Foto: Jomar Lima

Nesse cenário, se inseriu a Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte. Devido às perseguições sofridas em Salvador, as irmãs da confraria resolveram deixar a capital para se instalar em Cachoeira, onde suas atividades permanecem ativas até os dias de hoje. Sobre a Irmandade, Corrêa (2008, p,124), disse:

A festa em sua manifestação brasileira, especialmente da sociedade baiana e escravocrata, que o ato de festejar da Boa Morte apresenta-se nesta descrição como um expurgo das tensões vividas por esta sociedade no seu dia-a-dia, assim como, também nos orienta para uma cartografia do sagrado da cidade de Salvador do século XIX, tendo em vista que suas ruas e ladeiras ao serem marcadas pelo ato solene da Irmandade da Boa Morte não estão mais compreendidas diante da ação religiosa como as ruas e ladeiras comuns do cotidiano.

A partir do próximo item, serão destacados novos elementos contextuais sobre a mencionada e preservada manifestação cultural - Patrimônio Imaterial - observando, sobretudo, sua estreita ligação com a cultura, informação, memória, arquitetura e urbanismo da Bahia e do Brasil.

2 IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte é uma confraria católica e ao mesmo tempo da cultura e crenças do Candomblé, religião de matriz africana que preserva tradições e ensinamentos religiosos e culturais de seus ancestrais. Ou seja, é uma manifestação de caráter religioso da cidade de Cachoeira, Recôncavo Baiano. Formada por mulheres africanas, suas

descendentes e ex-mulheres escravizadas e livres no Brasil, representantes da tradição do povo africano.



Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. Foto: Lázaro Menezes

A Irmandade da Boa Morte ou Festa da Boa Morte é uma manifestação secular, como dito, sem data precisa de sua existência. Alguns historiadores datam a festa da confraria como criada em 1820, na Igreja da Barroquinha, em Salvador, por mulheres africanas e escravizadas, sendo posteriormente transferida para a cidade de Cachoeira, Bahia. Segundo Silva e Freitas (2005?),

Com a formação da Irmandade da Boa Morte, registra-se também a criação de um dos primeiros Terreiros de Candomblé do Brasil, ligado à Irmandade, por ter sido criado [...] pelas mulheres adeptas da confraria de Nossa Senhora da Boa Morte, [...], e por um homem adepto da confraria de Nosso Senhor dos Martírios, [...]. Verger (1992, p. 113), o Iyá Omi Axé Ayá Intilá em homenagem a Xangô, numa casa ao fundo da Igreja da Barroquinha, que, abrigava reuniões políticas e manifestações de toda ordem, Nascimento e Isidoro (1988, p. 16)

Trata-se de uma manifestação cultural que traduz vários significados e conceitos, muitos estudos acerca, e entendimentos com base na tradição ou em parâmetros socioeconômicos, antropológicos e culturais, de maneira abrangente, aproximada aos mundos dizível e o indizível acerca das formações de irmandades. Assim, Mecnas (2011), pontuou:

A festa deve ser entendida como fruto de uma sociedade humana e produto de seus sonhos, angústias e fantasias. Um momento de liberdade e formação de uma identidade coletiva que, muitas vezes, foi formada no início da colônia, mas que permanece na memória de um determinado grupo e ainda é realizada seguindo os antigos moldes. Também pode ocorrer o desaparecimento do rito, ou esse não ter o mesmo significado naquele grupo social. Até porque como defende Bastide “o sincretismo é fluido e móvel, não é rígido e nem cristalizado.

Para Barbosa (2010b), confirmando a reflexão de Silva e Freitas (2005?), a história sobre as irmandades negras da Bahia traz vazios documentais, pois seus documentos internos não foram preservados, além do fato das inúmeras irmandades não terem existido legalmente.

[...] uma devoção de cor exclusivamente feminina, constituída sob invocação de Nossa Senhora da Boa Morte, localizada na Igreja da Barroquinha, onde também existia, desde o século XVIII, a Irmandade de Nosso Senhor dos Martírios. O fato de ter sido reconhecida naquele período, em momento algum quer dizer que a mesma já não se encontrava em pleno funcionamento. (BARBOSA, 2010b).

Após mudança de Salvador para Cachoeira, “[...] a Irmandade da Boa Morte ficou instalada numa casa de nº. 41, na Rua da Matriz, atual Rua Ana Nery, chamada de Casa Estrela, por ter em sua calçada uma estrela de granito de cinco pontas” (BARBOSA, 2010b, p. 48). A Casa Estrela tem seus mistérios. A estrela com cinco pontas na calçada, criou no imaginário popular várias crenças. Acredita-se que a estrela simboliza a estrela de Davi e os três reis magos da crença Católica, ao mesmo tempo em que para outros simbolize um Exu assentado para a crença do Candomblé. Acredita-se que nesse lugar foram “iniciadas” as mulheres que fundaram a Roça do Ventura na cidade de Cachoeira. Além dessas histórias, a Casa Estrela também foi casa de comércio que mantinha ligação constante com a África e comercializavam produtos trazidos de lá. Destarte, a casa ainda mantém importância e simbolismo para as devotas da Irmandade da Boa Morte.



Casa Estrela. Foto: Blog da Jornalista Alzira Costa
<http://sejahunde.blogspot.com/p/irmandade-da-boa-morte.html>

O intuito da fundação na época era de formar fundos para comprar cartas de alforria de seus descendentes ou irmãos negros. Outras narrativas contam que o fundo seria para enterrar

dignamente seus irmãos e irmãs. Barbosa (2010) explicou que a diáspora e a escravidão dissolveram os laços familiares consanguíneos africanos, entretanto, pelo catolicismo negro tornava-se viável uma reaproximação de laços sócio afetivos, e assim foi feito pela tipologia do termo “parente”, tão presente quando se consulta os documentos internos das irmandades negras. Mais uma vez a Casa Estrela, em função de forte influência política, poderia possivelmente ter promovido a alforria de muitos negros escravizados. (BARBOSA, 2010b, p. 49). Além disso:

O simples fato de pertencer a uma irmandade representava para as negras e negros uma forma de vencer as barreiras impostas pelo preconceito racial e cultural, um meio de estabelecer alianças e contatos, uma forma de preservação de suas tradições e acima de tudo o reconhecimento social. (MACHADO, 2013, p. 34).

As irmãs da Boa Morte também eram conhecidas como as "Negras do Partido Alto", pois elas eram ex-mulheres escravizadas que conseguiram trabalho no comércio e, conseqüentemente, ascensão social e assim tinham condições de comprar com dinheiro cartas de alforrias para libertar os negros que ainda estavam escravizados.

A festa teve início após uma promessa feita pelas irmãs para a libertação dos escravos. Por isso, a Irmandade agradece a Nossa Senhora da Boa Morte todos os anos. A Irmandade da Boa Morte tem forte representação para a cultura da Bahia e do Brasil, por simbolizar e demonstrar a organização, a força e a resistência das mulheres negras que lutaram e continuam lutando pela manutenção de sua existência no espaço social brasileiro e para preservar a identidade em sua temporalidade.

Na análise de Barbosa (2010b, p. 32) “Pertencer a uma irmandade numa sociedade colonial era a forma mais aprazível de introjetar na população uma identidade cívica, de conagração com o território e com o outro.” Em Verger (1992, p. 101) encontramos uma descrição mais profunda e sintetizada acerca da Irmandade. O antropólogo fala da Irmandade da Boa Morte como “preservação do espírito de iniciativa que as mulheres nagôs tiveram na África, relacionado às atividades de direção e administração”.



Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.
Foto: Lázaro Menezes

Embora, aparentemente, sejam manifestações para reverenciar os santos católicos, as religiões afro-brasileiras se formaram no século XIX, quando o Catolicismo era a religião aceita pelos detentores do poder. Na explicação de Machado (2013), para o negro conseguir conviver em sociedade, sendo livre ou escravo era uma obrigação ser católico. Ao reelaborar as religiões africanas no Brasil, africanas e africanos afirmavam-se como católicos, cultuando orixás africanos como santos católicos, adaptando-se aos calendários festivos, mesmo com a República, momento em que o Catolicismo perdeu sua condição de religião oficial. Por todos esses fatores, é comum o tópico religião ser pesquisado de forma superficial e boa parte dos afro-brasileiros aparecer escondido na denominação “católico”.

A manifestação religiosa e popular acontece todos os anos na cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. A festa se inicia no dia 13 de agosto, dia dedicado às irmãs falecidas e vai até o dia 17, com muita festa ao som de samba de roda e comidas típicas. No entanto, a ceia do dia 13 de agosto, conhecida como Ceia Branca, não permite alimentos de carne bovina, suína e azeite de dendê, em respeito a Oxalá e a Nossa Senhora da Boa Morte. Trata-se aqui de revisitar memórias de um segmento cultural intransponível e incomensurável, um dos mais importantes bens culturais da Bahia e do Brasil, em suas múltiplas capacidades de ressignificar o passado que nos é presente. Conforme Queiroz (2011, p.9),

o bem cultural, como todo signo, tem um imprescindível suporte físico – dimensão material que é o suporte de comunicação; uma estrutura simbólica que lhe dá sentido – e que se estabelece na prática dos sujeitos capazes de atuar segundo certos códigos; que o bem de natureza imaterial ou intangível se caracteriza, segundo a Constituição Brasileira, como uma “referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade”.

No ano de 2010, foi criado o Decreto Estadual (Bahia) nº 12.227/2010, onde a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte foi registrada como Patrimônio Imaterial da Bahia, no Livro do Registro Especial de Eventos e Celebrações pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC), com a descrição:

Manifestação característica da religiosidade popular que acontece todos os anos na cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. A festividade se inicia no dia 13 de agosto, dia dedicado às irmãs falecidas. Nestes dias as irmãs vestem-se de branco, saem em procissão carregando a imagem postada sobre um andor rumo a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. No dia 14, com a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, as irmãs saem da sede da Irmandade em procissão noturna, carregando velas, entoando cânticos proferidos durante o percurso fazendo menção à dormição de Nossa Senhora. O dia 15 de agosto é dedicado a Nossa Senhora da Glória. A procissão sai pela manhã da sede da Irmandade, seguida pelas filarmônicas locais. Levam flores, carregam o andor de Nossa Senhora da Glória até a Igreja Matriz, onde uma missa é celebrada, e quando acontece a transferência dos cargos, com posse da nova comissão de festa. A festa de prolonga até o dia 17, com muito samba de roda e uma farta ceia durante os cinco dias de festa.

Ressalta-se que a Irmandade da Boa Morte é a mais conhecida das irmandades, nacional e internacionalmente. A definição mais sintética a respeito das irmandades é aquela proposta pelo historiador João Reis (1991, p. 51) que as compreende como “... associações corporativas no interior das quais se teciam solidariedades fundadas nas hierarquias sociais...”. Portanto, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte não é a única fundada na Bahia e nem mesmo em outros Estados do Brasil. Durante os quatro primeiros séculos, as irmandades, tanto negras quanto brancas, assumiram um relevante papel na construção da identidade nacional.

3 DOCUMENTAÇÃO (TEXTUAL E ARTES VISUAIS)

Os acervos documentais sobre a Irmandade da Boa Morte, e sua manifestação cultural, encontram-se espalhados por instituições públicas e privadas em cidades da Bahia (Cachoeira, Cruz das Almas, Ilhéus, Jequié, Feira de Santana, Salvador...), e em São Paulo e Brasília. Também é possível encontrar documentação pessoal de artistas em Salvador e Cachoeira. Anualmente, alguns artistas e fotógrafos acompanham a Festa da Irmandade da Boa Morte, sendo a manifestação representada por Carybé, Hansen Bahia, Adenor Gondim, Vinicius Xavier, Ricardo Almeida, Ana Paula Trindade, Toni Caldas, José Azevedo, Jomar Lima, Aline Pires, Iraildes Mascarenhas, Josué Ribeiro, Lázaro Menezes, Ayrson Heráclito, Pedro Arcanjo e Dalva Damiana de Freitas e tantos outros da Bahia. Todos, com expressão das artes visuais e sonoras, divulgam a Irmandade e suas significações e ressignificações.

Para oferecer visibilidade, foi elaborado um quadro com instituições públicas e privadas que possuem e dão acesso a itens documentais sobre a Irmandade da Boa Morte. As informações sobre as instituições e acervos foram levantadas ao longo desta investigação. Por meio do levantamento das instituições mantenedoras de acervos documentais sobre a Irmandade, foi possível elaborar o quadro a seguir, a sinalizar a identificação de futuras possibilidades.

Quadro 1 – Distribuição do acervo documental sobre a Irmandade da Boa Morte

INSTITUIÇÃO	TIPO DE MATERIAL	TIPO DE INSTITUIÇÃO	LOCAL	SITE	REDES SOCIAIS
Fundação Pierre Verger	Documentos fotográficos	Instituição Privada	Salvador Bahia – Brasil	http://www.pierreverger.org/br	https://www.facebook.com/FundacaoPierreVerger/
Instituto Carybé	Desenhos	Instituição Privada	Salvador Bahia – Brasil		https://www.facebook.com/InstitutoCarybe/
IPAC ² Arquivo Histórico & Fotográfico	Documentos textuais, fotográficos e audiovisuais	Instituição Pública	Salvador – Bahia - Brasil	http://www.ipac.ba.gov.br/	https://www.facebook.com/ipacba/
Centro Cultural Irmandade da Boa Morte	Documentos textuais, fotográficos e audiovisuais	Instituição Pública	Cachoeira – Bahia - Brasil		
Adenor Gondim	Documentos fotográficos	Acervo pessoal	Salvador – Bahia - Brasil		Páginas pessoais, porém, algumas fotografias estão em álbuns abertos ao público
IPHAN ³	Documentos textuais, fotográficos e audiovisuais	Instituição Pública	Brasília – Distrito Federal - Brasil		http://portal.iphan.gov.br/
IRDEB ⁴	Documentos fotográficos e audiovisuais	Instituição Privada	Salvador – Bahia - Brasil		https://www.irdeb.ba.gov.br/

² Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC).

³ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

⁴ Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB).

Biblioteca Pública do Estado da Bahia	Documentos textuais e audiovisuais	Instituição Pública	Salvador – Bahia - Brasil	http://acervo.fpc.ba.gov.br/pergamum/biblioteca/index.php	
Arquivo Público Municipal	Documentos textuais e audiovisuais	Instituição Pública	Salvador – Bahia - Brasil	http://www.arquivohistorico.salvador.ba.gov.br/	
Arquivo da Cúria Metropolitana	Documentos textuais e audiovisuais	Instituição Pública	Salvador – Bahia - Brasil	https://arquiديوocesalvador.org.br/tag/curia-metropolitana-de-salvador/	
Geledés: Instituto da Mulher Negra	Documentos textuais e audiovisuais	Instituição Privada	São Paulo - São Paulo - Brasil		
Coleção Pirelli / MASP ⁵ de Fotografia	Documentos fotográficos e exposições de fotografos	Instituição Privada	São Paulo – São Paulo - Brasil	https://colecao.pirellimaspart.br	
Alma Fotogaleria	Documentos fotográficos	Instituição Privada	Salvador – Bahia - Brasil	https://www.almafotogaleria.com.br/adenor-gondin	
Museu Carlos Costa Pinto	Artes visuais	Instituição Privada	Salvador – Bahia - Brasil		https://www.facebook.com/Museu-Carlos-Costa-Pinto-100442406725440/
CEAO/UFBA ⁶	Documentos textuais	Instituição Pública	Salvador – Bahia - Brasil	http://www.pergamum.bib.ufba.br/pergamum/biblioteca/index.php	

⁵ Museu de Arte de São Paulo (MASP).

⁶ Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) – Universidade Federal da Bahia (UFBA).

UEFS ⁷ - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações	Documentos textuais	Público	Feira de Santana – Bahia - Brasil	http://tede2.uefs.br:8080/	
UFRB ⁸ - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações	Documentos textuais	Público	Cruz das Almas – Bahia - Brasil	http://www.repositorio.ufrb.edu.br/	
UESC ⁹	Documentos textuais	Público	Ilhéus – Bahia - Brasil	http://www.biblioteca.uesc.br/pergamum/biblioteca/index.php	
UESB ¹⁰	Documentos textuais	Público	Jequié – Bahia - Brasil		
UEFS	Documentos textuais	Público	Feira de Santana – Bahia - Brasil		
UNEB ¹¹	Documentos textuais	Público	Salvador – Bahia - Brasil	http://www.biblioteca.uneb.br/pergamum/biblioteca/index.php	
Portal de Periódicos UFBA	Documentos textuais	Público	Salvador – Bahia – Brasil	https://portal.seer.ufba.br/	
Repositório Institucional UFBA	Documentos textuais e audiovisuais	Público	Salvador – Bahia – Brasil	https://repositorio.ufba.br/ri/	

⁷ Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

⁸ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

⁹ Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

¹⁰ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

¹¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações	Documentos textuais	Público	Brasília – Distrito Federal – Brasil	http://bdtd.ibtict.br/vufind/	
Roberto Farias	Documentos fotográficos	Privado	Salvador – Bahia - Brasil		https://www.flickr.com/photos/robertofaria/
Fundação Hansen	Documentos fotográfico, vídeos e exposições	Instituição Pública	Cachoeira – Bahia - Brasil		https://www.facebook.com/hansenbahia.org/
Ayrson Heráclito	Artes visuais	Privado	Cachoeira – Bahia - Brasil	http://www.remio pipa.com/pag/ayrson-heraclito/	
Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas	Documentos audiovisuais	Público	Cruz das Almas – Bahia - Brasil	http://cultura digital.br/arquivodalvadamianadefreitas/o-projeto/	
NUDOC ¹²	Documentos textuais e audiovisuais	Público	Cachoeira – Bahia – Brasil		https://www.facebook.com/ufrbnudoc/?tn-str=k*F

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras

4 PONTO DE PARTIDA: IDENTIDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

Dialogar aqui sobre a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, nos reporta as tantas tradições culturais de Portugal e de outros países da Europa, dos quais o Brasil herdou significantes traços sociais em sua formação enquanto nação particularmente destacada e original, de grande dimensão territorial como também de diversidade social, está destacada pela pluralidade de cultura, etnia, rituais, entre outros aspectos a permitirem variedade essencial ao processo de conquistas da tolerância, mesmo quando há diferenças, enriquecedora culturalmente ao país continental Brasil. Observa-se na diversidade social o exercício da tolerância a diferentes religiões, grupos étnicos, gêneros, valores, ritmos de aprendizagem entre outros conceitos frutos da construção de uma nação.

O padrão cultural que temos como “correto” é ditado por diversas instituições e grupos com capacidade de influenciar um grande número de pessoas. Se todos temos direito a diversidade e igualdade, devemos também receber uma educação que nos traga

¹² Núcleo de Memória e Documentação do Recôncavo (NUDOC).

novos conceitos, novas experiências com as diferentes culturas e informações sobre esse universo desconhecido (FIEL, 2017, p.1).

Neste espaço, as memórias documentais formadoras da Irmandade da Boa Morte, e sua influência sócio-histórica-cultural, apresentam descrição geográfica da cidade de Cachoeira (resistente às tropas portuguesas, durante o processo de Independência do Brasil), na tentativa de apresentar o locus no qual está inserida a Irmandade, passando por uma descrição criteriosa da relevância historiográfica da Boa Morte, seus ritos, hierarquia, dupla-pertença, teias e redes de sociabilidade, missão, visão de mundo. No sentido do enquadramento da memória, Pollak (1989, p. 9), apontou:

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc.

Determinadamente, não haveria possibilidade de falar de memória sem contextualizar conceitos de monumentos, herança do passado e suas relações com os documentos. Le Goff (1990, p.535) estabelece reflexão pertinente ao que esta pesquisa se propõe revisitar.

o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos.

Dessa forma, os arquivos e as memórias documentais descrevem a herança do passado e, os documentos transparecem o passado fazendo-o presente com riqueza na descrição da temporalidade, seja individual ou coletiva. E ao ponto de chegada desta investigação destacou-se a objetividade de reconhecer nos acervos documentais a capacidade do encontro com o ponto de partida a partir de escavações teóricas, conceituais acerca de uma das mais importantes manifestações culturais do Brasil, em seu saber refletido circunscripto da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, mais conhecida Irmandade da Boa Morte. Duarte (2006-2007, p. 142), acrescentou:

O arquivo é memória e esta, por sua vez, tem potencialidade para informar e alterar a realidade presente. A memória só é pensável como arquivo quando se pretende determiná-lo enquanto monumentalidade. Trata-se de um termo possuidor de definições polissêmicas e polêmicas, muitas vezes associadas aos conceitos de documento e memória.

Como arremate, Bellotto (2014, p. 181), apresenta reflexão sobre o papel do arquivo como instrumento de cidadania “seja nos aspectos dos direitos e dos deveres do homem comum, da população em geral, seja nos aspectos desse mesmo segmento social no que concerne à sua informação e participação sociocultural”.

Tempo maior seria necessário para estabelecer outros diálogos à construção e à desconstrução de citações pertinentes ao objeto de estudo desta investigação, pelo seu teor de relevância e pelo ensejo de lançar mão aos estudiosos do patrimônio para o futuro do breve entendimento em torno da rica confraria Irmandade da Boa Morte – Cachoeira, Bahia, Brasil.

REFERÊNCIAS

BAHIA (Estado). **Decreto nº 12.227, de 2010**. Promove registro do bem de valor cultural que indica e dá outras providências. Disponível em: <http://www.ipac.ba.gov.br/festa-da-boa-morte>. Acesso em: 15 set. 2019.

BARBOSA, Magnair Santos. Cachoeira: ponto de confluência do Recôncavo baiano. In: BAHIA. GOVERNO DO ESTADO. SECRETARIA DE CULTURA. **Festa da Boa Morte**. Salvador: IPAC, 2010. Cadernos do IPAC.

BARBOSA, Magnair Santos. Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte: entre o Airê e o Orum. In: BAHIA. GOVERNO DO ESTADO. SECRETARIA DE CULTURA. **Festa da Boa Morte**. Salvador: IPAC, 2010. Cadernos do IPAC, 2.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1989.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivo**: estudos e reflexões. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CASTRO, Armando Alexandre. O patrimônio histórico-cultural e o turismo na Cidade Heróica de Cachoeira-BA: potencialidade x realidade. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 7, n. 11, set., 2005. Disponível em: <http://www.interacoes.ucdb.br/article/view/503/547>. Acesso em: 10 set. 2019.

CORRÊA, Aureanice de Mello. Territorialidade e simbologia: o corpo como suporte Sígnico, estratégia do processo identitário da irmandade da Boa morte. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v.1, n. 1., p. 121-133, maio, 2008 – Dossiê Identidades Religiosas e História

DUARTE, Zeny. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. **Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Patrimônio**. Porto, I Série, v. 5/6, p. 141-151. 2006-2007.

FIEL, Carolina. **O que é Diversidade Social?** 2017. Disponível em: <https://pt.lifeder.com/o-que-e-diversidade-social/> Acesso em: 15 set., 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão, et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MACHADO, Luana Verena Nascimento. **Poder feminino e identidade na Irmandade da Boa Morte**. 2013. 179 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2013. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/pgcienciassociais/images/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/CD_DISSEluana.pdf. Acesso: 21 set. 2019.

MECENAS, Ane Luíse Silva. Sobre o divino manto de Maria: Mulheres africanas na procissão da Boa Morte em São Cristóvão oitocentista. **Revista Histórica on line**, São Paulo, n. 49, ago., 2011. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao49/materia02/>. Acesso em: 15 set., 2019

MOURA, Mariluce. TAVARES, Luís Henrique Dias. Uma guerra na Bahia. **Revista da FAPESP**, n. 119, jan.2006. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2006/01/01/uma-guerra-na-bahia/> Acesso em: 15 set., 2019

NASCIMENTO, Luíz Cláudio Dias do, ISIDORO, Cristiana. **Boa Morte em Cachoeira**. Cachoeira: Arembepe, 1988.

QUEIROZ, Ednalva. Metodologia. In.: Bahia. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. **Festa da Boa Morte**. Salvador: Fundação Pedro Calmon / IPAC, 2011.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SAÍNT-ADOLPHE, J.C.R. Milliet de. **Diccionario geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brazil**. Paris, França: J. P. Aillaud, 1845. t.1. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/28232>. Acesso em: 18 set. 2019.

SANTOS, Milton. **A rede urbana do Recôncavo**. Salvador, BA: Imprensa Oficial da Bahia, 1959. - 38 p.

SILVA, Livia Maria Baêta da., FREITAS, Joseania Miranda. **A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte**: uma perspectiva museológica e de gênero. I Enecult. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/LiviaMariaBaetadaSilva.pdf>. Acesso em: 18 set., 2019

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. Salvador: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1974.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11ª Ed. Salvador: UNESP & EDUFBA, 2008.

VERGER, Pierre Fatumbi. A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil. In: VERGER, Pierre Fatumbi. **Artigos**. São Paulo: Corrupio, 1992.

Recebido/ Received: 29/12/2019	Aceito/ Accepted: 09/01/2020	Publicado/ Published: 15/01/2020
-----------------------------------	---------------------------------	-------------------------------------